



Nuno Malheiro da Silva
Presidente do FOCUS group
nuno.malheiro@focusgroup.eu

Sabemos que o BES tinha uma presença muito importante junto das PME em Portugal e no crédito concedido que permitia que essas mesmas PME pudessem contribuir quer para a criação ou manutenção de postos de trabalho, quer para o PIB, quer ainda para o crescimento das exportações

É tudo novo

1. Muito se tem escrito sobre o desaparecimento do BES e a criação do NOVO BANCO. Muito se tem escrito sobre as perdas de quem investiu nas acções, nas obrigações ou nos fundos que perderam o seu valor, e ainda sobre as implicações destas perdas na fusão da PT com a Oi. Muito se tem escrito sobre a venda da Tranquilidade, sobre a OPA à Espírito Santo Saúde ou sobre a venda dos Hotéis Tivoli e todos os restantes “anéis” do Grupo Espírito Santo. Muito se tem escrito sobre a família Espírito Santo, a saída do Dr. Ricardo Salgado e as suas eventuais responsabilidades no que aconteceu. Muito se tem escrito sobre a administração efémera do Dr. Vitor Bento e a nova administração nomeada e mandatada para vender o NOVO BANCO rapidamente. Muito se tem escrito sobre a actuação quer do Banco de Portugal quer do Governo neste processo. Por último, muito se tem escrito sobre o risco dos depositantes - ou a ausência dele - que viram transferidos, por decreto, os seus depósitos para um banco novo e que muitos deles mantiveram as contas e consequentemente a sua confiança no NOVO BANCO.

Mas muito pouco se tem escrito sobre as consequências que este processo terá para muitas empresas e para a sua actividade.

Sabemos que o BES tinha uma presença muito importante junto da PME em Portugal e no crédito concedido que permitia que essas mesmas PME pudessem contribuir quer para a criação ou manutenção de postos de trabalho, quer para o PIB, quer ainda para o crescimento das exportações.

Se isso é verdade relativamente ao tecido empresarial em geral, no sector do imobiliário, da construção e actividades conexas a presença do BES era ainda mais significativa.

Tenho notado alguma preocupação no meio pelo facto de haver um sentimento que nos últimos dois meses não se têm tomado decisões relevantes no NOVO BANCO relativamente a novos créditos, de o NOVO BANCO nem sequer ter “rating” e por isso ser difícil acompanhar as reduções de “spreads” que as políticas do Banco Central Europeu têm fomentado. Mais em geral, com o facto de se temer que com a eventual venda do banco, a política de quem o comprar, inteiro ou em pedaços, possa passar a ser diferente.

Justiça seja feita ao BES que foi o último dos bancos a reduzir o crédito às empresas na fase mais aguda da crise e na maior parte dos casos procurou fazê-lo de uma forma menos radical que muitos outros. Mas será que o NOVO BANCO ou os futuros novos donos do banco vão manter o apoio ao sector? Penso que se devia escrever mais sobre este assunto para que todos saibamos o que esperar.

2. No sector imobiliário e da construção há um sentimento unânime. Nada será como dantes. Isto significa que tudo será e já está a ser “novo”. Há novos investidores e novas formas de investir. Se numa primeira fase os “vistos gold” vieram ajudar a limpar o “stock” de produto imobiliário que estava estagnado por força da crise, aparecem agora investidores estrangeiros, nomeadamente chineses, que apostam na aquisição, reabilitação e venda aos seus clientes, no seu país de origem, procurando ocupar o lugar de muitos promotores imobiliários portugueses que, sem capital nem financiamento, deixaram de actuar no mercado em Portugal.

O mercado sofreu uma alteração completa. Para além dos investidores imobiliários muitas outras empresas – de construção, de fiscalização, projectistas, - desapareceram. Foram poucas as que sobreviveram e, de entre as que conseguiram superar a crise, muitas ainda estão numa situação bastante frágil. A grande maioria das que sobreviveram apostaram e apostam noutros mercados, fora de Portugal, seguindo o “rasto do dinheiro”.

Porém, não podendo ainda afirmar-se com certeza que “o pior já passou”, começamos a sentir uma dinâmica consistente de novo investimento no imobiliário em Portugal. Agora que o “stock” quer de nova habitação quer de escritórios está lenta, mas sustentadamente, a diminuir, as empresas sobreviventes, em paralelo com as novas que foram surgindo, podem recomeçar a olhar para o seu mercado natural, o doméstico, tendo no entanto aprendido que não podem apenas olhar para um único país.

São novos ventos de esperança que surgem e que, se vierem associados a uma nova política de investimento público que fomente a actividade económica em Portugal, poderemos brevemente respirar todos melhor. Não esquecendo que nada será como dantes e que é tudo novo.